

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



VASCONCELOS [Pereira de Melo], José LEITE de (Ucanha, 1858 – Lisboa, 1941)

Leite de Vasconcelos atribuiu ao local de nascimento e uma infância imersa em tradições populares o interesse que desenvolveu pela etnografia, pela arqueologia e pela filologia. Descendente de famílias fidalgas, neto de um médico abastado e de um juiz, viveu em Ucanha (distrito de Viseu) até aos 3 anos e meio. Fez ensino primário em Mondim e depois em S. João de Tarouca. Aprendeu francês com um familiar e latim com um padre local. Leu os clássicos portugueses na biblioteca familiar e estudou rudimentos de inglês e italiano. Embrenhou-se em leituras solitárias, junto de igrejas e ruínas.

Os seus pais, José Leite Cardoso de Melo (1810-1881) e de Maria Henriqueta Leite Vasconcelos Pereira de Melo (1815-1894), assistiram ao declínio da fortuna da família ao longo da primeira metade do século. Em 1875, com 17 anos, o jovem Leite era a única fonte de rendimento da família, trabalhando na administração municipal de Mondim. Empregou-se no Porto para pagar os estudos, trabalhando incessantemente e vivendo com extrema parcimónia nos gastos. Neste contexto adverso, distinguiu-se como aluno excelente. Completou sucessivamente o Curso de Liceu no Colégio de S. Carlos (1876-1879), o Curso de Ciências Naturais da Academia Politécnica do Porto (1879-1881) e o Curso de Medicina na Escola Médico-Cirúrgica (1881-1886). Mas foi num percurso de formação paralelo ao curso de Medicina que desenvolveu os seus verdadeiros interesses científicos. Desde o ensino liceal cultivou o gosto pela recolha de tradições, versos e romances populares. Em 1878 redigiu o primeiro estudo etnográfico, *O Presbitério de Vila Cova*. Iniciou-se no alemão, língua obrigatória para acesso à bibliografia atualizada.

Foi agente activo na criação de revistas literárias e de divulgação científica. Com Mont'Alverne de Sequeira fundou *O Pantheon: revista de ciencias e letras* (1880-1881). A revista dirigiu-se aos estudantes do Porto e, tanto pelos conteúdos como pela lista de colaboradores pode ser relacionada com outros periódicos contemporâneos de divulgação do positivismo (cf. *Era Nova: revista do movimento contemporâneo*. Lisboa, 1880-1881; *Positivismo: revista de philosophia*. Porto, 1878-1882). Leite publicou versos e começou a escrever sobre história e linguagem popular. Conseguiu colaborações de Fialho de Almeida, Antero de Quental e Teófilo Braga, Martins Sarmiento e Adolfo Coelho. O desinteresse do público levou ao encerramento da revista ao fim de um ano de publicação quinzenal regular. Quanto aos conteúdos, a maior parte inseriu-se ao amplo domínio que os editores designaram como "sociologia", em que incluíram



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

arqueologia, história, viagens, mitologia, religiões e tradições populares, linguística (linguagem popular portuguesa e subdialetos do Galego), filosofia, economia política, bibliografia e biografias.

Numa primeira fase, Leite interessou-se simultaneamente pela arqueologia e pela dialectologia, recolhendo em ambas as áreas contributos para a caracterização etnográfica do povo português. A cultura popular era tradicionalmente estudada a partir de testemunhos literários (cancioneiros, romanceiros, contos), mas Leite distinguiu-se pela valorização da recolha direta de dados juntos das populações. Iniciou relações com professores do Curso Superior de Letras, também motivados por questões etnográficas, mas sob focos diferentes: Adolfo Coelho (antropologia, linguística e pedagogia) e Teófilo Braga (filologia e história literária). Dedicou especial atenção ao problema da identidade nacional, partindo das teses lusitanistas de Martins Sarmiento - com quem trocou assídua correspondência sobre temas de etnografia e arqueologia - mas desenvolvendo um pensamento autónomo, visível em aspetos como a recusa da tese de que os Lusitanos eram Lígures (cf. *Religiões da Lusitânia*, 1905, II, 53).

Em 1882 participou em excursões arqueológicas com Martins Sarmiento e iniciou a publicação de trabalhos etnográficos, assinados como aluno da Escola Médica do Porto. Em *Tradições populares de Portugal* (1882, pp. IX-X) estabeleceu princípios metodológicos: sem primeiro ter interrogado o povo, o historiador não pode conhecer o seu país; por sua vez, o linguista deve estudar as tradições populares para encontrar os processos naturais e as formas arcaicas e dialectais da linguagem. Entusiasmado pelos estudos linguísticos, em 1883 ponderou desistir do curso de Medicina. Redigiu e publicou *O dialecto mirandês* (1883) a partir de dados recolhidos por entrevistas a um falante. Este trabalho original, que revelou à comunidade científica uma língua que até então não tinha sido descrita, foi premiado pela *Société des Langues Romanes* conferiu-lhe um imediato reconhecimento internacional. Antes de concluir o curso em 1886 ainda publicou o primeiro trabalho de índole arqueológica (*Portugal Pré-histórico*, 1885), em que fez recuar as raízes da sociedade portuguesa a um período anterior à independência política, distinguindo-se assim da tese política de Alexandre Herculano segundo a qual Portugal era “uma nação moderna”, resultado da vontade de Afonso Henriques e da elite aristocrática que o rodeava. Foi ainda no Porto que lançou o projeto da *Revista Lusitana*, a que nos referiremos adiante.

Exerceu medicina no Cadaval entre 1887 e 1888, aproveitando para realizar em escavações arqueológicas. Rapidamente trocou a carreira médica por cargos públicos em Lisboa, que lhe permitiram prosseguir os projetos de investigação. Primeiro foi conservador da Biblioteca Nacional (1888-1911), cargo que acumulou com a direção do Museu Etnológico (1893-1929). Deixou a Biblioteca quando foi nomeado professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1911-1929), mantendo-se apenas a vinculação ao Museu.

Nos primeiros anos na Biblioteca Nacional, dividiu-se entre a filologia e a arqueologia. Em 1888 publicou *A filologia portuguesa: esboço histórico (a propósito da reforma do Curso Superior de Letras de Lisboa)*, propondo a introdução da disciplina no ensino superior e prefigurando-se como um candidato para a sua docência. Falhou essa ambição e criou o seu próprio espaço de ensino, dando aulas de numismática na Biblioteca Nacional. A filologia e a arqueologia são aproximações para o mesmo problema, como explica,



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

em carta a Martins Sarmento: «eu não me dedico à filologia só por amor da arte, mas porque com ela quero principalmente contribuir para a resolução do nosso problema étnico é por isso também que me consagro, tanto quanto posso, à etnologia: ora o estudo das moedas antigas em geral e em especial o das chamadas celtibéricas deve fornecer-me muitos dados» (*Cartas de José Leite de Vasconcelos a Martins Sarmento*, 1958, p. 94).

No início da década de 90, planeou a instituição um museu etnográfico em Lisboa, para recolha de materiais dispersos em diversas instituições e dos novos achados arqueológicos. Encontrou apoio em Bernardino Machado, ministro das obras públicas, que fundou o museu em 1893 e o nomeou diretor. O acervo inicial juntou as coleções de Estácio da Veiga e a coleção particular do próprio Leite de Vasconcelos. O museu foi instalado em 1894 no edifício da Academia das Ciências de Lisboa, mas em 1900 Leite conseguiu que fosse transferido para a área anexa ao Convento dos Jerónimos, local definitivo. Abriu ao público em 1906, mas desde 1895 vinha divulgando notícias e estudos arqueológicos na revista *O Arqueólogo Português*, que tinha o estatuto de publicação oficial do museu.

Ao serviço do museu, repartiu o tempo entre escavações arqueológicas em Portugal e frequentes viagens pela Europa. Nessas viagens de estudo, conjugou as atividades de representação institucional com um intenso plano de investigação filológica, pesquisa em fundos antigos de bibliotecas e contactos universitários. Espanha, França, Bélgica, Alemanha, Suíça, Áustria e Itália foram destinos recorrentes.

Em 1896 publicou na *Revista Lusitana* uma síntese das suas orientações de investigação, em que justificou a confluência dos estudos etnográficos, arqueológicos e linguísticos como bases necessárias para o desenvolvimento de um plano de obras «acerca das origens e caracteres do povo português». Disponha de abundantes materiais dialectológicos, mas adia a publicação de conclusões ou resultados: para uma caracterização geral da dialectologia portuguesa, faltava uma recolha sistemática em todas as regiões de Portugal, que propunha realizar nos anos seguintes. Sobre a linguagem popular, afirmava que «[...] não só obedece a leis, mas também serve a cada passo para explicar muitos fenómenos da linguagem culta». O seu conceito de léxico do português englobava diferentes momentos da história da língua e a variedade dialectal: «infinitos vocábulos e expressões que constituem riqueza idiomática que andava perdida» (*Revista Lusitana*, IV, 337-338).

Foi também na década de 90 que Leite iniciou a publicação da sua obra fundamental no domínio da arqueologia, *Religiões da Lusitânia* (1897, 1905, 1913). O estudo das religiões é apresentado como uma contribuição parcelar para uma mais ampla história da Lusitânia. Na análise, distingue três períodos: o pré-histórico, sobre os povos que habitaram Portugal no período neolítico; o proto-histórico, sobre a geografia, etnologia e etnografia da Lusitânia; o histórico, a partir da conquista romana até à época dos suevos. Para o estudo dos períodos mais recuados, apoia-se nos dados arqueológicos e na análise dos vestígios materiais, para as épocas mais recentes apresenta um trabalho predominantemente etnológico. Um tópico relevante nesta obra (já presente aliás em no seu *Portugal pré-histórico*) é a crítica à tese de Herculano relativa à não continuidade entre Portugueses e Lusitanos. Leite defende que os povos da Lusitânia devem ser contados entre os ascendentes dos Portugueses, porque, além de uma coincidência parcial de territórios, a origem da



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

língua portuguesa podia ser considerada uma modificação da que usavam os luso-romanos e era possível encontrar nos povos dessa região traços de continuidade no que respeita a costumes, superstições e lendas (cf. *Religiões da Lusitânia*, 1897, xxv-xxvi).

Em Paris, entre 1899 e 1901, estudou Filologia Românica e obteve o Diploma de Aluno Titular da Secção Histórica e Filológica da École des Hautes Études. Apresentou na Sorbonne a tese de doutoramento *Esquisse d'une dialectologie portugaise* (1901). Editado em Paris e escrito em francês, este trabalho foi amplamente divulgado e citado na bibliografia de romanística. Aplicando materiais linguísticos recolhidos por si desde a década de 80, propôs uma sistematização dos dialectos do português, distinguindo dialectos continentais, insulares e extra-europeus, o dialecto dos judeus portugueses em Hamburgo e Amsterdão e codialectos do Português (galego, mirandês, quadramilês, riodonorês). Trabalhou com bibliografia atualizada e beneficiou de informações fornecidas pelo crioulista Hugo Schuchardt, que conheceu em 1900 na Universidade de Graz. Seguiu-se uma série de viagens pela Europa, em que visitou universidades na Holanda e na Alemanha. De regresso a Portugal, iniciou um curso livre de filologia na Biblioteca Nacional (1903-1911), de que resultaram os compêndios *Textos Arcaicos* (1903) e *Lições de Filologia Portuguesa* (1911). Ao serviço do museu, participou nos congressos arqueológicos de Atenas (1905), Mechelen (1907), Cairo (1909) e Roma (1912), nos dois últimos como presidente da secção de arqueologia pré-histórica.

Com a República, Leite de Vasconcelos encontrou nas instituições reformadas novos espaços de atuação. Em 1911, fez parte da comissão encarregada de fixar as bases da ortografia para as escolas e documentos oficiais, bem como de estabelecer um vocabulário ortográfico; na Academia das Ciências presidiu à comissão de redação do novo dicionário (até 1916). Em agosto desse mesmo ano foi nomeado professor na nova Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que sucedeu ao Curso Superior de Letras. Não lhe foram atribuídas as disciplinas em que poderia refletir os seus interesses de investigação, formar discípulos e uma "escola". Ensinou filologia clássica, língua e literatura francesas e gramática comparativa; pontualmente, arqueologia, epigrafia e numismática. Apenas nos anos finais da carreira teve oportunidade de ensinar filologia portuguesa.

A partir da década de 20, ocupado pela Faculdade e com menos saúde, foi reduzindo as incursões arqueológicas e dirigiu a maior parte da investigação para a etnografia. Em 1927, publicou na *Revista Lusitana* (vol. XVI) um longo trabalho introdutório sobre etnografia e *De Terra em Terra - Excursões arqueológico-etnográficas através de Portugal (Norte, Centro, e Sul)*. Em 1929, reformou-se dos cargos públicos por limite de idade. Manteve-se como diretor honorário do museu (que passou a designar-se "Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos"). Nos anos seguintes, esforçou-se por ordenar para publicação décadas de notas bibliográficas e documentais, sujeitando-se a um intenso plano de trabalho na biblioteca particular da sua casa na rua D. Carlos Mascarenhas. Em 1929, reeditou e atualizou o mapa dialectológico (*Opúsculos*, IV). Em 1933, publicou o primeiro volume da *Etnografia Portuguesa*, dedicado à definição do âmbito da disciplina, explicação de fontes de investigação, estado dos estudos etnológicos em Portugal e planos de trabalho na área científica. Em 1938 compilou um conjunto de estudos sobre etnologia



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

(*Opúsculos*, V), revisitando temas como a origem, história e formação do povo português, superstições, rituais, as religiões da Lusitânia, lendas, cancionero.

A extensa lista de publicações é apenas uma parte do legado bibliográfico de Leite de Vasconcelos. Ao longo de quase 60 anos, fundou e assegurou a publicação regular de um conjunto de periódicos especializados, assumindo as funções que modernamente reconhecemos na figura de um editor científico. Foi responsável pela definição dos planos das revistas, pela seleção de colaboradores e pela depuração de um modelo de escrita científica em Portugal. A *Revista Lusitana* e *O Arqueólogo Português* contribuíram não apenas para a afirmação em Portugal das respetivas áreas disciplinares, mas sobretudo para a internacionalização de cientistas portugueses, através de uma rede de permutas e ofertas que Leite construiu meticulosamente. A *Revista Lusitana* foi regularmente publicada entre 1887 e 1941, perfazendo 38 volumes. No plano editorial, publicado no primeiro número, Leite defendeu uma correlação dos estudos etnográficos e linguísticos: a filologia é indispensável para a compreensão da gramática e da faculdade da linguagem; a etnologia é essencial para a compreensão para factos da literatura e da história. Como exemplo de diretrizes científicas, a revista abriu com um estudo de Adolfo Coelho, que analisa dados linguísticos, recolhidos em trabalhos de campo, para sustentar conclusões de natureza histórica. Um índice analítico do conjunto de volumes revela a preponderância de trabalhos da área da etnografia (literatura popular, superstições, contos, tradições, adágios) e temas mais propriamente linguísticos (recolhas lexicais, onomástica, fonética e história da línguas), sem que as fronteiras disciplinares sejam muito estritas. Nessa faixa cabem justamente os numerosos trabalhos de dialectologia, em que as recolhas de dados estão ao serviço da caracterização etnográfica dos falantes. Deve ainda referir-se a publicação de edições de textos antigos com rigor filológico e, com muito menor expressão, de estudos de literatura. A demonstração de que a revista refletia as áreas de investigação de Leite de Vasconcelos é o facto de ele próprio ter contribuído com a maioria dos artigos em quase todos os temas atrás referidos, com exceção dos estudos literários. Entre os mais assíduos colaboradores encontram-se Pedro de Azevedo, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, José Joaquim Nunes e Cláudio Basto. Houve colaborações pontuais de filólogos estrangeiros como Jules Cornu, Leo Spitzer, Wilhelm Meyer-Lübke, Wilhelm Storck ou Max Leopold Wagner.

A revista *O Arqueólogo Português*, órgão oficial do então denominado Museu Etnográfico, foi publicada pela primeira vez em 1895. Leite apresentou-a como um jornal para os interessados em arqueologia, publicando descrições de objetos, estações arqueológicas, apontamentos, desenhos e fotografias, biografias de arqueólogos e notícias museológicas. Leite foi o redator dos 30 volumes publicados até 1938 (1ª série) e autor da maioria das páginas. Entre os colaboradores reencontramos nomes que também escreviam na *Revista Lusitana* (Pedro de Azevedo e José Joaquim Nunes), testemunhando uma contiguidade entre estudos históricos, etnográficos e filológicos, em áreas como a paleografia e a epigrafia. Para a valorização dos estudos etnográficos criou o *Boletim de Etnografia* (5 vols., 1920-1937), também sob o patrocínio do museu.

Leite de Vasconcelos esforçou-se por publicar rapidamente notícias filológicas, descobertas arqueológicas ou por conseguir boas peças para o seu museu. Frequentemente fazia notar que tinha sido o



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

primeiro a publicar sobre determinado assunto, com mais e melhor informação. Deste espírito de emulação resultaram episódios de aspereza no relacionamento pessoal com arqueólogos e linguistas contemporâneos (cf. exemplo da correspondência com o arqueólogo António dos Santos Rocha). Em 1907, Rocha Peixoto, um dos redatores da revista *Portugália* (Porto, 1899-1908) acusou Leite de propalar uma visão facciosa da arqueologia portuguesa, por ignorar conscientemente o trabalho desenvolvido pelos arqueólogos próximos do grupo da *Portugália* e sobrevalorizar a ação do Museu Etnológico. A polémica sobre temas de Língua Portuguesa, que manteve com António Cândido de Figueiredo (1846-1925), desenvolveu-se numa série de textos publicados em jornais. Em 1891 Leite publicou no jornal *O Dia* uma série de críticas das *Lições práticas de linguagem portuguesa* de Cândido de Figueiredo. No mesmo ano, sob o pseudónimo de Caturra Júnior, Cândido editou o opúsculo *Tosquia de um grammatico dedicada aos filólogos mirandezes* e Leite respondeu com *O Galho depenado. Replica às Caturrices philologicas do sr. Candido de Figueiredo*. A questão terminou em 1892 em *O golpe de misericórdia. Execução litteraria de Zé Filólogo Leite de Vasconcellos, acusado de varios delitos contra a grammatica, o bom senso e a salubridade publica*. À parte das invectivas recíprocas, é um testemunho relevante da oposição entre o discurso filológico pré-científico de Figueiredo - mais preocupado com o conceito de erro e vícios de linguagem — e uma linguística moderna, documentada pela dialectologia, capaz de explicar a diversidade e variação da língua portuguesa. No conjunto das obras de Leite de Vasconcelos, os textos desta polémica representam um discurso didático próximo da divulgação científica. Mas Leite também foi criticado por sobrecarregar algumas das suas obras científicas com um estilo digressivo e excesso de pormenores. João Ribeiro (1860-1934), historiador e filólogo, publicou em 1912 uma resenha sobre as *Lições de Filologia*, criticando a superficialidade e a acumulação de factos sem conclusões novas, estabelecendo um paralelismo com o método que Leite seguia nos estudos etnográficos, catalogando os factos e adiando a síntese crítica dos materiais recolhidos (*Rev. da Acad. Brasileira*, 1912).

Leite de Vasconcelos não deixou manifestações de preferências políticas nas suas obras, nem teve uma intervenção pública comparável à de filólogos seus contemporâneos, como Adolfo Coelho, que participou nas Conferências do Casino e dedicou grande parte da vida a estudos sobre pedagogia e analfabetismo, ou Teófilo Braga, que exerceu militância republicana desde 1878. Não se encontra, pelo menos de forma programática, uma linha de trabalho que relacione o progresso da ciência e a sua aplicação direta ao progresso da sociedade e melhoria das condições de vida. As notas críticas à organização social contemporânea são mais próprias de um conservador do que de um contestatário: «Quando um povo, em virtude das más cabeças dos homens que o constituem, ou de condições históricas e gerais está em decadência, como o nosso, permite-se ao menos aos que amam a terra em que nasceram furtar-se, pela contemplação e estudo das cousas do passado, às misérias do presente» (*Religiões da Lusitânia*, 1897, p. VIII). No longo processo de criação e instalação do Museu de Etnologia (1893-1906) revelou um bom relacionamento com os ministérios e a estrutura burocrática – o apoio de Bernardino Machado foi disso exemplo. Integrou-se na nova ordem republicana, conquistando um posto de professor na nova Universidade de Lisboa. Manteve-se na direção do Museu, após se submeter a uma sindicância sobre



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

acusações de gestão autocrática nos últimos anos do regime monárquico. Nesse processo declarou, em sua defesa, que «ninguém é mais respeitador dos poderes constituídos do que eu» (*Defensão*, 1913: 37).

Em Portugal, Leite de Vasconcelos foi membro da Sociedade de Geografia (1890), presidindo à secção de etnografia a partir de 1900. Foi eleito sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa em 1894 e sócio efectivo em 1910. Teve assento na Academia Portuguesa de História entre 1937 e 1938. É a afiliação em associações estrangeiras que demonstra o perfil de cientista internacional. Assinalam-se as mais importantes e perenes, indicando a data da admissão: Societé Suisse des Traditions Populaires (1896), o Istituto di Corrispondenza Archeologica (corr. 1896, efect. 1931), a Real Academia de la Historia de Madrid (1890), a Societé d'Anthropologie de Paris (1899), Academie royale d'Archeologie de Belgique (corr. 1901), o Museum für volkskunde (corr. 1909), a Societé internationale de dialectologie romane (1909) a Hispanic Society of America (1904) e o Instituto de França (1920).

Leite criou uma ampla rede de contactos internacionais, mantendo correspondência assídua para troca de informações sobre as áreas científicas em que se moveu. Desta forma conseguiu manter-se a par da bibliografia especializada e promover a difusão de trabalhos de investigação sobre temas portugueses, sob a forma de permutas e ofertas. O Epistolário de correspondência recebida contém cerca de 24.000 cartas, referentes a cerca de 3.690 correspondentes. É de assinalar a troca de correspondência com personagens com interesses do domínio da historiografia, como João Lúcio de Azevedo, Pedro de Azevedo, Aubrey Bell, Henrique da Gama Barros, Artur de Magalhães Basto, Fermín Bouza Brey, Teófilo Braga, Joaquim de Carvalho, Manuel Pinheiro Chagas, Francisco Adolfo Coelho, Fidelino de Figueiredo, Agostinho Fortes, Manuel Viegas Guerreiro, Manuel Domingues Heleno, Emile Hubner, Maximiano Lemos, David Lopes, Afonso do Paço, Consiglieri Pedroso, Edgar Prestage, Orlando Ribeiro, Amador de los Rios, Ricardo Severo, Carolina Michaelis de Vasconcelos e Joaquim de Vasconcelos. Na área dos estudos linguísticos, estabeleceu correspondência com investigadores e professores universitários que foram figuras centrais na história da romanística e da dialectologia modernas: Louis Lucien Bonaparte, Gustave Cohen, Jules Cornu, Rufino Cuervo, Wendelin Förster, Raymond Foulché-Delbosc, Gustav Gröber, Konrad Haebler, Otto Klob, Fritz Kruger, Henry Lang, Antoine Meillet, Ramón Menéndez Pidal, Gustav Meyer, Wilhelm Meyer-Lubke, Ernesto Monaci, Alfred Morel-Fatio, Adolf Mussafia, Gaston Paris, Hugo Schuchardt, Leo Spitzer, Wilhelm Storck, Max Leopold Wagner. Na sua biblioteca de trabalho, Leite reuniu um vasto fundo antigo, com raridades bibliográficas e manuscritos, mas também um fundo moderno de monografias, periódicos e opúsculos, nacionais e estrangeiros. Em 1935, com 76 anos, estabeleceu em testamento a distribuição do espólio bibliográfico e dos manuscritos pelas instituições a que esteve ligado — Faculdade de Letras, Academia das Ciências, Museu de Etnologia e Biblioteca Nacional — subordinando a divisão à conclusão e publicação póstuma das obras incompletas. Nos últimos anos de vida a visão deteriorou-se e também a capacidade de trabalho. Morreu em 17 de Maio de 1941, com 82 anos. Deixou prontas para publicação *Filologia Barranquenha* (pub. em 1955), o volume III da *Etnografia* (1942) e o início do IV (1958). Para a conclusão da *Etnografia* (volumes IV a X, 1942-1988), contribuíram principalmente Manuel Viegas Guerreiro, Alda da Silva Soromenho, Paulo Caratão Soromenho e Orlando Ribeiro. No campo dos estudos



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

linguísticos e dialectológicos, o trabalho de Leite de Vasconcelos foi continuado por Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva (*Mapa de Dialectos e Falares de Portugal Continental*, 1958) e por Luís Filipe Lindley Cintra, que introduziu importantes ampliações na classificação leiteana (*Estudos de Dialectologia Portuguesa*, 1984; *Mapa dos Dialectos de Portugal Continental e da Galiza*, 1992).

Bibliografia activa: *Antroponímia Portuguesa. Tratado comparativo da origem, significação, e vida do conjunto dos nomes próprios, sobrenomes, e apelidos, usados por nós desde a Idade-Média até hoje.* Lisboa, Imprensa Nacional, 1928; *Defensão do Museu Etnológico Português contra as arguições que um Sr. Deputado lhe fez no Parlamento*, Lisboa, Livraria Classica Editora, 1913; *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, Aillaud, Paris-Lisboa, 1901; *Estudos de Filologia Mirandesa*, 2 volumes, Lisboa, Imprensa Nacional, 1900-1901; *Etnografia Portuguesa. Tentame de sistematização.* 3 vols. Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1933-1942; *Lições de philologia portuguesa dadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa*, 1ª ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1911; 2ª ed. corrigida, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926; *O arqueólogo português*, 1ª série, 29 volumes, 1895-1931; *Opúsculos.* I - Filologia (Parte I), II - Dialectologia (Parte I), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928; III - Onomatologia, ibidem, 1931; IV - Filologia (Parte II), ibidem, 1929; V-VII - Etnologia, Lisboa, Imprensa Nacional, 1938; VI - Dialectologia (Parte II, organizado por Maria Adelaide Valle Cintra) Lisboa, Imprensa Nacional, 1985; *Portugal pré-histórico*, Lisboa, David Corazzi, 1885; *Religiões da Lusitânia na parte que principalmente se refere a Portugal*, 3 volumes, Lisboa, Imprensa Nacional, 1897-1913; *Revista Lusitana*, 1ª série, 39 volumes, 1887-1943.

Bibliografia passiva: ALEGRIA, Maria Fernanda, DAVEAU, Suzanne e GARCIA, João Carlos, *Leite de Vasconcelos e Orlando Ribeiro. Encontros Epistolares (1931-1941)*, (O Arqueólogo Português, suplemento nº 7), Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia - Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011; CEPEDA, Isabel Vilares, «José Leite de Vasconcellos». *Livro do Centenário*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1960, pp. 139-269; COITO, Lúvia (coord.), *Epistolário de José Leite de Vasconcelos*, (O Arqueólogo Português, suplemento nº1), Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 1999; COITO, Lúvia, CARDOSO, João Luís e MARTINS, Ana Cristina, *José Leite de Vasconcelos (1858-1941): Fotobiografia*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia - Verbo, 2008; FABIÃO, Carlos, «José Leite de Vasconcelos (1858-1941): um archeólogo português», *O Arqueólogo Português*, Lisboa, série IV, vol. 26, 2008, pp. 97-125; FABIÃO, Carlos, *Uma história da Arqueologia Portuguesa*, Lisboa, CTT, 2011, pp. 158-163; *José Leite de Vasconcelos. Livro do Centenário*, Lisboa, Imprensa Nacional, Universidade de Lisboa, 1960 [com uma bibliografia do Autor por Isabel Cepeda e estudos da autoria e diversos estudos, da autoria de Hernâni Cidade, Orlando Ribeiro, Vitorino Nemésio e Viegas Guerreiro, entre outros]. MATOS, Sérgio Campos, «Leite de Vasconcelos no debate acerca da formação de Portugal: um confronto com Oliveira Martins», *O Arqueólogo Português*. Lisboa, série IV, vol. 11/12, 1993-94, pp. 13-33. RIBEIRO, José Cardim «Da consciência política de José Leite de Vasconcellos: achegas para a compreensão do seu pensamento e do seu exemplo», *O Arqueólogo Português*. Lisboa, série IV, vol. 26, 2008, pp. 145-160. RIBEIRO, Orlando, *Vida e obras de José Leite de Vasconcellos*.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Separata de *Portucale*. Porto, XV, 1942; VIEIRA, Yara Frateschi, CASTRO, Ivo e RODRIGUES-MOURA, Enrique, «Cartas a três: Carolina Michaëlis entre Leite e Schuchardt», *O Arqueólogo Português*. Lisboa, série IV, vol. 26, 2008, pp. 451-470.

João Paulo Silvestre



APOIOS:

